

CONTEXTO DAS TRIBOS URBANAS COM ENFOQUE NA FORMAÇÃO DE IDENTIDADE NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA E ILUSTRATIVA DOS ANOS CINQUENTA

Alessandra Souza¹
Ana Carolina Ferreira²
Evellyn Damasceno³
Samara Feitosa⁴
Stephanie Marinho⁵
Sílvia Teixeira de Lima⁶
Adriana Alves Marinho⁷

Psicologia



ISSN IMPRESSO 2317-1693
ISSN ELETRÔNICO 2316-672X

RESUMO

As tribos urbanas se definem por redes de amizades que se formam a partir de interesses e afinidades em comum, aos quais os membros aderem aos mesmos pensamentos, hábitos e forma de se vestir. O fenômeno aparece comum entre os adolescentes da modernidade que buscam em referenciais externos formas de se estabelecer no mundo. É nesse contexto que as tribos urbanas se revelam como importantes no desenvolvimento dos jovens que se encontram em processo de construção da identidade. Este artigo discute questões acerca das tribos urbanas junto às particularidades da adolescência. Fazendo ao final uma ilustração descritiva das principais tribos dos anos cinquenta associada à fundamentação teórica anteriormente abordada.

PALAVRAS-CHAVE

Tribos urbanas. identidade. adolescência.

ABSTRACT

Urban tribes are defined by networks of friendships that are formed from common interests and affinities, to which members adhere to the same thoughts, habits and way of dressing. The phenomenon is common among teenagers of modernity that seek external references in ways to establish in the world. In this context, urban tribes are revealed as important in the development of young people who are in the process of identity construction. This article discusses about issues of urban tribes along the peculiarities of adolescence. Making the end a descriptive illustration of the main tribes fifties associated with the theoretical foundation approached anteriorly.

KEYWORDS

Urban Tribes. Identity. Adolescence.

1 INTRODUÇÃO

Com certa analogia às tribos indígenas, pela ideia de sociedade organizada, que se representa por indumentárias e hábitos idênticos, as tribos urbanas se apresentam no contexto moderno habitando diferentes lugares que a cidade oferece. Formuladas a partir de um esforço de diferenciação dos jovens, cada tribo urbana evoca particularidades que as distinguem do resto da sociedade e que as identificam.

As tribos urbanas participam substancialmente no processo de construção da identidade dos jovens que nelas se inserem, visto que a estruturação identitária é uma das tarefas essenciais da adolescência. Nesta fase o adolescente tem uma tendência a se inserir em grupos, estabelecendo novos vínculos sociais além dos familiares, a passagem dos jovens por grupos de pares é quase que inevitável, o momento é marcado pela procura por referências externas, parâmetros que possam ajudá-los a se estabelecer no mundo. Segundo Bock e outros autores (2008) o grupo de amigos é um importante referencial para o jovem, determinando o vocabulário, as vestimentas e outros aspectos do seu comportamento. Sua moral individual se estabelece mediante a moral do grupo.

É indispensável ressaltar que, assim como os grupos de convívio, as tribos urbanas representam um importante contexto socioafetivo alternativo, especialmente quando o adolescente busca maior autonomia procurando se desligar dos pais na infância. Rangel e outros autores (2012) fazem entender que o grupo, em determinado período, ajuda o adolescente a configurar-se, a recompor-se e a constituir-se sujeito autônomo e psiquicamente independente. Para isso, os jovens encontram nas tribos a permissão para ser o que são, fazendo emergir formas de subjetividade. As particularidades surgem por meio de como ele percebe o outro e de como o outro

o percebe. Ele se torna único ao mesmo tempo em que se apresenta homogêneo dentro de um grupo de semelhantes.

Tendo em vista todo o exposto fica evidente que para ter uma compreensão enriquecida sobre as tribos urbanas é necessário recorrer não só ao conceito dessas tribos e a história de cada uma, mas entender a lógica dos indivíduos que as formam, a maneira como constroem seus relacionamentos, buscam prazer e satisfação, incluindo os aspectos sociopolíticos do período de fundação de cada tribo. Para tanto, o presente estudo tem por objetivo abordar o fenômeno das tribos urbanas associado ao processo de formação de identidade dos adolescentes reportando as principais tribos dos anos cinquenta.

2 A DINÂMICA DAS TRIBOS URBANAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

“Tribo urbana” foi um termo elaborado, em 1985, pelo sociólogo francês Michel Maffesoli, para designar novas formas de organização entre indivíduos num contexto denominado “pós-moderno”. O sociólogo estudou e teorizou as redes de amizades que se formam a partir de interesses e afinidades em comum, aos quais os membros aderem aos mesmos pensamentos, hábitos e forma de se vestir.

Oliveira *et al* (2003) citam Maffesoli por sua obra “O Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa”, definindo tribos urbanas por “agrupamentos semi-estruturados, constituídos predominantemente de pessoas que se aproximam pela identificação comum a rituais e elementos da cultura que expressam valores e estilos de vida, moda, música e lazer típicos de um espaço – tempo”. A mesma autora acrescenta que uma tribo define-se por uma sociedade frouxa, pela lógica hedonista e o não compromisso com a continuidade na linha do tempo, expressa na valorização do aqui e agora. Ao mesmo tempo, seu caráter dinâmico e em constante transformação lhe confere um potencial criativo e inovador que não pode ser desprezado (CAMILO et al., 2003).

Pais e Blass (2004) descrevem que membros de uma mesma tribo se utilizam de linguagens, comportamentos, modos de pensar e viver, similares, manipulando coisas e corpos que viram signos de identidade. Os autores citam Eunice Durham (1977) na definição desse processo de organização e reorganização das representações na prática social, como “dinâmica cultural” que constrói e reconstrói identidades.

O fenômeno das tribos como forte elemento da constituição de identidade funciona, também, como manutenção da necessidade de afiliação do ser humano, que se observa em estudos de dinâmica grupal. A verdade é que o homem possui necessidades sociais e que a participação no grupo tem a função de satisfazê-las (PISANI, PEREIRA e RIZZON, 1994, p. 128). Considera-se que um único grupo

não satisfaz todas as necessidades de uma pessoa, isso explica sua participação em muitos outros. A esse respeito Camilo, Oliveira e Assunção (2003) salientam que a relação do adolescente com o grupo não é de fidelidade, como seria esperado em grupos contratuais. Essa livre circulação entre diferentes tendências pode levar a migração de uma tribo a outra.

As expressões tribais podem transitar entre as fases do desenvolvimento humano, mas é no universo jovem, principalmente na adolescência, que elas se centralizam. A figuração tribal perdura no tempo em que o indivíduo mantiver interesse pela atividade, enquanto for membro da tribo ele se porta como personagem de um enredo imaginário (GONÇALVES, 1999 apud CAMILO et al., 2003). Essa atuação personificada dos tribalistas se faz análoga ao arquétipo persona proposto por Jung em psicologia analítica, se referindo à face pública ou o papel que a pessoa apresenta aos outros (SCHULTZ e SCHULTZ, 2011). Seria a impressão que o sujeito provoca nas pessoas, aquilo que se aparenta ser. Assim, a pessoa pode trocar suas máscaras configurando para cada situação da vida um papel diferente e para cada papel uma persona que evoca a exposição de determinados elementos de subjetividade e a ocultação dos outros (MAFFESOLI, 2000). Jung presumiu que a persona é necessária porque as pessoas são forçadas a representar vários papéis na vida para se saírem bem na escola, trabalho e nas relações sociais.

Para delinear o que atrai aos jovens se envolverem em alguma tribo, Camilo, Oliveira e Assunção (2003) questionaram adolescentes sobre a significação acerca das tribos urbanas. Como fonte de suplementos à alternativa de subjetividade e pertencimento que aqueles buscam, foram identificados alguns aspectos semióticos que os abastecem. O resultado do estudo levou a proposição de três elementos comuns às tribos urbanas: imagem estética, práticas de lazer e estilo musical. Existe uma interação entre esses elementos que regulam a maneira com que os membros da tribo se situam no mundo.

Sobre **imagem estética**, nota-se como definidora da imagem do grupo. Não basta para os integrantes de a tribo ter um visual semelhante entre si, é necessário se mostrar diferentes dos demais, a roupa, o cabelo, os acessórios que compõem essa estética do grupo. Não compartilhar essa imagem é ser normal, ou, "não ser nada". Cardoza (2003, p. 2) ressalta essa valoração da estética da imagem ao citar Feathers-tone (1997): "a ética da estética é o modo contemporâneo de ordenar-se no mundo, e ela própria constitui-se num fator de favorecimento ao aparecimento das tribos". No período em que o culto à beleza e à imagem impera redefine o senso de identidade que o indivíduo pode cultivar de si.

Acerca das **práticas de lazer**, se verificou que o compartilhamento do gosto pelas mesmas atividades sociais e esportivas é uma marca importante na socialidade dos agrupamentos urbanos de adolescentes. Nos espaços da cidade as tribos criam

seu cenário, assinalam neles e distinguem o território. Camilo e outros autores (2003) contribuíram ao citar Madrid (2001), acrescentando que algumas tribos marcam sua especificidade pela ocupação e domínio de certo recorte do espaço urbano – praças, escadas, pistas de *skate* etc. – no qual inscrevem sua marca pelo *graffiti*; pichação, presença ruidosa etc. A diferenciação espacial entre as tribos traduz que cada uma tem um estilo próprio, diferenciado, o que demarca seu território revelando a ideia de uma estrutura organizada, porém imaginária, já que esses se apropriam dos espaços públicos da cidade.

A preferência por um mesmo **estilo musical** mantém estreita a interdependência com a prática de lazer, tribelistas frequentam os mesmo bares, pubs e eventos sociais para apreciar determinado estilo musical. Os diversos lugares de encontros existentes na cidade são ambientes diferentes onde grupos de pessoas reúnem-se para a partilha de emoções por meio da música, criando um espaço potencial de acolhimento. Em Maffesoli “as emoções partilhadas e consolidadas são vividas como fatos constituídos por e para as tribos que inscreveram suas histórias neste lugar” (MAIA, 2005, p.79). Nesse contexto, os adolescentes, por meio da música, na música e das relações que surgem da experiência musical, passam a liberar suas emoções e desenvolver novas formas de comunicação.

Estabelece-se que é no cenário moderno e globalizado que as tribos urbanas se revelam como importante contexto de desenvolvimento dos indivíduos. Jovens com vontade de se diferenciar e de se identificar reúnem-se em grupos, partilhando das mesmas ideias e gostos, pertencer a uma tribo permite ao sujeito mostrar ao outro quem ele é ao mesmo tempo em que se reconhece. Logo, diferenciação e igualdade fazem noção de identidade.

3 PARTICULARIDADES DA ADOLESCÊNCIA

Em estudos sobre a história da adolescência se entende que a fase é uma construção da modernidade e tem a ver com as necessidades, as formas de vida impostas pela era industrial. Mais adiante, Erik Erikson (1976), envolvido com a teoria da identidade do ego, formalizou o conceito de adolescência caracterizando-a como uma fase especial no processo de desenvolvimento (BOCK et al, 2008, p. 297), é a fase na qual as pessoas têm que enfrentar e resolver a crise da sua identidade básica do ego. Schultz e Schultz (2011) comentam que moldar uma identidade e aceitá-la não é tarefa fácil, os adolescentes fazem experiências com vários papéis e ideologias na tentativa de determinar os mais compatíveis com eles, a autoimagem formada nessa fase integra as ideias a respeito do que se é e o que se quer ser e o que os outros pensam a respeito. Nessa abordagem, a adolescência denota a busca pela identidade adulta por meio do autoconhecimento e autodesenvolvimento via papéis sociais. Aberastury e Knobel (2000) recortaram a transição normal na adolescência no enfoque psicanalítico:

Busca de si mesmo e da identidade, tendência grupal, necessidade de intelectualizar e fantasiar, crises religiosas, deslocalização temporal, evolução sexual manifesta, atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas, contradições sucessivas, separação progressiva dos pais e constantes flutuações de humor. (ABERASTURY, KNOBEL apud Bock et al., 2008, p. 299).

Embora fatores biológicos reúnam forças que determinam o estágio da adolescência, as condições sociais e ambientais às quais o sujeito é exposto influenciam a forma pela qual a fase geneticamente predeterminada se realiza. Nessa natureza, o adolescente transcorre o estágio, contando com um conjunto de informações biológicas, psicológicas, valorativas e relacionais que funcionam como uma rede de forças construtivas de sua identidade pessoal. Ao passo que a fase seja favoravelmente vivida, o jovem se definirá um adulto produtivo e maduro. Ciampa (1994) compreende a revelação identitária do sujeito como resultado de uma construção coletiva, psicossocial, num dado momento histórico. Considerando que a identidade se coloca como continua e progressiva na realização do indivíduo, seu conteúdo não se esgota na adolescência.

Como a percepção de si é dada pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos, as tribos urbanas surgem do esforço de diferenciação dos jovens ao mesmo tempo em que buscam se igualar. Essa justificativa à fundação das tribos é um tanto contraditória, entretanto, pode ser reforçada pela citação Coutinho (2001, p.1) "o aparecimento das tribos no cenário social contemporâneo, reflete dois processos que, paradoxalmente, caminham juntos na complexa sociedade de consumo em que vivemos: a uniformização e a pluralização".

Assim, os adolescentes que desejam suprir suas necessidades sociais por meio de amizades, socialização, aceitação em novos grupos, intimidade sexual e outros (SCHULTZ e SCHULTZ, 2011), estabelecem as tribos urbanas como resposta à inquietude, ousadia, sonhos, curiosidades, conflitos, solidão etc., do referencial jovem. Camilo e outros autores (2003) observaram que dinamismo da vida contemporânea e a intensificação dos fluxos humanos parecem agregar maior importância aos grupos de pares como fontes importantes de identificação e referência comportamental dos adolescentes.

A psicóloga Tessari (2005) alerta que a busca dos jovens, cada vez maior, por grupos que tenham gostos semelhantes com os seus revela a formação de uma identidade que pretende ser diferenciada daquilo que foi aprendido com os pais da infância. É preciso cuidado e orientação dos familiares para que esses grupos não interfiram de forma negativa na vida do adolescente, como no caso das gangues.

O grupo de pares constitui uma fonte de socialização menos repressiva que a família, assumindo importante papel como fonte de referência social. Entre seus pares, com frequência,

os adolescentes são menos exigidos a negociar perspectivas e encontram oportunidades de legitimar os próprios sentimentos e visões de mundo, norteados pela intensa identificação, compreensão e aceitação pelo grupo. (SILVA et al., 2012, p.135).

Cardoza (2003) considera que conhecer alguém não mais seria adentrar na sua biografia e estrutura histórica familiar, mas sim “agir junto”, e esta ação representaria atitude, onde se você faz isso e eu também faço, então participo de sua tribo e tenho uma identificação com ela, ou seja, me relaciono com você. É nesse formato que as tribos representam um importante contexto socioafetivo alternativo, a família pós-moderna encontra-se na condição de perdedora de seus referenciais principais para uma formação de sujeito, vindo a ser substituída, pelo amparo e acolhimento da ilusão a que as tribos se oferecem (CARDOZA, 2003).

Apesar dos aspectos retratados estarem claramente associados a um enquadre da experiência adolescente normal, também é comum ver jovens que não tenham a fase da adolescência definida. O que se observa é o abandono da escola muito cedo para trabalhar oito horas diárias antes de se completar quatorze anos de idade. Para cada uma das classes sociais a adolescência terá uma duração peculiar. “Um garoto que precise enfrentar o mundo do trabalho muito cedo e em condições bastante adversas terá um amadurecimento acelerado” (BOCK et al., 2008, p. 302).

Além dos adolescentes trabalhadores e os excluídos da escola, jovens que foram arrebutados pelas práticas infracionais, portadores de doenças crônicas, deficientes físicos, sensoriais e mentais, estão associados a diferentes condições de inserção/exclusão social que vão determinar certas especificidades da adolescência como estudo (CAMILO et al., 2003). É importante discutir que adolescentes que se desenvolvem nessas condições podem sofrer interferência na socialização com grupos de pares que contribuem e potencializam a autonomia individual mediante a consolidação da identidade pessoal e social.

Como aqui visto, as diferentes variações da vida do sujeito contribuem para constituição da sua identidade. Sobre o aspecto social que é o foco desta pesquisa, faz-se acordo com Guareschi (apud SALVARO, 2008) quando afirma que o sujeito é na verdade, algo como uma soma total das relações que estabelece em sua vida. O indivíduo se forma a partir das relações e por isso possui uma multiplicidade de valores em consequência dos diversos grupos que participa. Os grupos de amizade se revelam como uma segunda família na vida dos jovens que encontram neles apoio, liberdade de expressão e aceitação das suas características pessoais.

4 METODOLOGIA

A pesquisa deste estudo foi realizada por meio de revisão bibliográfica onde foram pesquisados artigos científicos e periódicos nas bases de dados do SCIELO e

GOOGLE ACADÊMICO por meio dos seguintes descritores: tribo(s) urbana(s), identidade e adolescência. Literaturas de sociologia e psicologia foram tomadas por base para o trabalho. Para ilustrar as tribos urbanas que configuram a década de 1950 e verificar o contexto sociopolítico do período foram realizadas práticas investigativas em blogs e comunidades virtuais, fundados por membros e pessoas interessadas no tema, tendo por base as principais tribos: Greasers, Teddy Boys, Bodgies e Widgies, Beatniks, Rockers e Surfistas.

5 RETRATOS DOS ANOS DOURADOS

A década de 1950, conhecida como o período dos anos dourados, se marcou pelos grandes avanços científicos, tecnológicos e mudanças culturais e comportamentais. Nesta década foi dado início às transmissões televisivas, provocando uma grande mudança nos meios de comunicação. No campo da política internacional, estava acontecendo a Guerra Fria – terreno preparado pelo fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, que alterou significativamente o alinhamento político e a estrutura social do mundo.

Foi pouco antes dos anos 1950 que surgiram as primeiras tribos urbanas, com mais consistência nos estados americanos, na tentativa dos jovens de se desvincular da rigidez de décadas anteriores, por meio da construção de novas ideologias. Essa ideologia pode ser entendida como as representações que as classes sociais constroem a partir das suas condições materiais de existência (FOCHI, 2006).

Ao mesmo tempo em que se formavam as tribos uma gama de variedades surgia no mercado consumidor derivado do sistema capitalista dos Estados Unidos. E apesar de na época as informações não se propagarem na velocidade no século XXI, os meios de comunicação, principalmente a televisão, influenciaram nos estilos dos jovens pelo mundo. As tribos passaram a ser reflexa do moderno, do arrojado e do imediato, essa ideia refletiu não só no mercado de consumo, mas transformou o jovem e sua ideia acerca da autoimagem.

Coutinho (2001) entende que a transitoriedade e o imediatismo se congregam numa certa apologia do presente vivida na tribo, não havendo projetos futuros ou preocupações com o destino da tribo; é o próprio movimento do consumo que determina o futuro destas tribos. Essas constituições dos estilos impuseram limites que fecham o cerco em torno da tribo dando margem ao surgimento de outras novas redes; em exemplo disso aparecem os skatistas que emergiram do surf e passaram a se caracterizar num formato diferente do inicial para difundir seu estilo próprio e mais demandas para o consumo.

Na musicalidade da época surgiu o Rock'n'Roll pelo mundo em um estilo dançante com Elvis Presley em 1956, seu estilo, penteado, seu famoso rebolado, os seus

gestos provocantes e o seu ar de rebeldia foram imediatamente incorporados pelos jovens da classe média urbana, Elvis significava uma maneira de romper com o *establishment*, destacar-se como indivíduo e romper com os valores tradicionais da sociedade. Mais ao final da década formou-se a banda de rock britânica *The Beatles*.

Na moda dos anos 1950, com o fim dos anos de guerra e do racionamento de tecidos e produtos de beleza, a mulher se tornou mais feminina e glamurosa. O clima era de sofisticação e era tempo de cuidar da aparência. A maquiagem estava na moda e valorizava o olhar, o que levou a uma infinidade de lançamentos de produtos para os olhos: sombras, rímel, lápis para os olhos e sobrancelhas, além do indispensável delineador. Para os cabelos, o auge eram as tintas, cremes, gel, cera capilar e as loções alisadoras e fixadoras. O clássico topete embalou os anos 1950, suportado por simples pente e gel de cabelo, mulheres, também, destacavam a parte frontal do cabelo penteada pra trás. O topete simboliza o rock na fase inicial, este e demais elementos estéticos (jeans, couro, jaquetas, coletes, óculos escuros, botas etc.) que compreendiam as tribos da década, ainda comportam um estilo moderno nos atuais.

6 DESCRIÇÃO DAS TRIBOS

6.1 GREASERS

Enquanto o *rock'n'roll* americano se espalhava pelo país, adolescentes americanos predominantemente étnicos adotavam penteados com cabelos puxados para trás, formando longos e espessos topetes, cheio de creme, cera capilar, gel de cabelo, tônicos ou pomadas. Essa tendência tornara-se um meio de comunicação e identificação dos jovens tribalistas, visto que, na sociedade contemporânea as identidades são demarcadas pelos hábitos de consumo (FOCHI, 2006). Foi pelo visual *greased-back* (engraxado para trás) que o título da tribo tomou forma nas gangues de rua do sul e nordeste dos Estados Unidos. O estilo *greaser* e a subcultura se tornaram popular pelo aspecto de rebelião aos modos e aos costumes expressados pelos jovens, que na sua maioria eram brancos e da classe trabalhadora. Ressalva-se que os I se utilizavam da rebeldia simplesmente para se divertir.

No figurino da tribo, normalmente incluíam-se camisetas brancas ou pretas com as mangas arregaçadas, camisas brancas com casacos, t-shirts, camisas de malha italianas, camisas ao estilo daddy-o-style, jaquetas pretas, azul ou caqui, casaco preto ou marrom, jaquetas jeans da Levi's, jaquetas de couro, calças Levi's, calças de algodão largas. Os calçados incluíam botas estilo motociclista, militar, de engenheiro e de vaqueiro e tênis All-stars. Os acessórios comuns eram creepers, bandanas, chapéus de aba curta, boinas, coppola, e carteira de correntes. O penteado podia variar, mas sempre feitos com pomadas e gel. A maneira que os jovens das tribos se vestiam revestia-se de significado simbólico, sendo transpassada: nas roupas, maquiagens, penteados etc., uma forma de resistência às culturas dominantes (PAIS, 2008).

Ao contrário dos *rockers* britânicos que foram exclusivamente motociclistas, os *greasers* americanos ficaram conhecidos mais por seu amor aos carros *Hot Rods* (carros antigos modificados), contudo ambas subculturas tinham em comum o estilo musical *rock'n'roll* e *rockabilly* bastante tocados na época.

O tempo dos *greasers* foi muito significativo para a história americana. Além de ter feito uma marca no mercado da moda, foi o tempo de rompimentos iniciados pelos grupos para pensar e favorecer a individualidade.

6.2 TEDDY BOYS

Formada em Londres e espalhada por todo o reino Unido, o *teddy boys* foi uma subcultura tipificada por jovens rapazes que usavam penteados pomposos com roupas inspiradas nas indumentárias masculinas da *era eduardiana* – mas atribuíram componentes mais agressivos ao seu estilo. Esses neo-eduardianos eram *bad-boys* rebeldes e elegantes que rejeitavam as tradições impostas na época. O toque masculino nas vestimentas não consolidou um empecilho para que garotas da época, também, pudessem se tomar gancho nesse embalo, essa apropriação feminina de vestuários com corte masculino pode simbolizar um desejo de emancipação das mulheres (PAIS, 2008).

Vestiam casacos longos de golas, coletes brocados, peças com detalhes em cetim ou veludo, casacos de lã com vários bolsos, camisas brancas de gola alta, lenços, chapéu coco, creepers, gravatas finas, calças muito justa geralmente preta e sapatos camurçados e/ou bicudos. Interessante que esses “malvados” se preocupavam que suas roupas deveriam ser feitas sob medidas em alfaiates, elegância era primordial. Os cabelos eram penteados com brilhantina ao estilo *quiiff* (topete) com costeletas e *ducktail* (rabo de pato). Todo figurino seguia o padrão de consumo da época, mas sem deixar de ter o toque estético da tribo, deveriam ser reconhecidos logo quando vistos.

Em Fochi (2006), a primeira distinção que se pode fazer entre um grupo de pessoas e outro, é pela imagem, pela forma como as pessoas se apresentam, enfim, pela estética, muito mais que qualquer outro aspecto. Entre os gêneros existia uma diferença mínima nas vestimentas, as garotas tinham um estilo andrógino – corriam riscos em usar roupas masculinas, poderiam ser presas, agredidas ou sofrer perversão por supostamente serem homossexuais – os cabelos eram curtos, usavam maquiagem, blusas pretas, camisas brancas, saias na panturrilha, calças justas e alguns acessórios e peças masculinas.

Conhecidos pelas brigas costumeiras com os *mods* – subcultura que embora tenha origem ao final da década de cinquenta é nos anos sessenta que ganha destaque – os *teddy boys* usavam da força para se firmarem e impor respeito quando preciso. Essa intolerância pode assumir a forma de violência real, que se explicita na

hostilidade e rivalização, geradoras de conflitos entre grupos (CAMILO et al., 2003). Assim, foram considerados rebeldes sem causa, orgulhosos, a “ovelha negra” da sociedade britânica.

Essa subcultura britânica associou-se ao *rock’n’roll* e ao *rockabilly* no estilo musical, a música era seu único veículo de comunicação com o mundo exterior. Quando os *teddy boys* e as *teddy girls* se encontravam inventavam novos passos de dança, novas gírias, discutiam músicas, aumentando a distância entre eles e a geração de seus pais que tentavam repreendê-los. Esses pais muitas vezes eram intolerantes com som dos toca-discos às alturas e sempre as mesmas músicas, esse padrão se repete entre as famílias de hoje em dia.

O compartilhamento de códigos (gírias, jargões, música, pautas comportamentais), de elementos estéticos (estilos de vestir, adornar e expressar-se por meio do corpo) e de práticas sociais (relativas ao comportamento político e às formas de lazer, de circulação e apropriação do espaço urbano e da cultura) contribui para definir a imagem social de cada tribo. (CAMILO et al., 2003, p. 64)

6.3 BODGIES E WIDGIES

Equivalentes aos *teddy boys* ou aos *greasers*, a tribo urbana *Bodgies* e *Widgies* é oriunda da Austrália e da Nova Zelândia. O termo *bodgie* expressa algo (ou ocasionalmente alguém) falso, e nessa ideia foi aplicado aos jovens rapazes australianos, especialmente da década de cinquenta, que mostravam conformidade com certas modas e comportamentos grosseiros análogos aos britânicos *teddy boys*. *Widgie* era a sua contraparte feminina. Por serem os primeiros adolescentes rebeldes na Austrália e talvez por sua falta de originalidade no estilo, a tribo urbana foi conceituada originalmente por “fake, false, inferior, worthless” (falso, falso, inferior, sem valor), dando o significado a algo falso, pouco confiável e malfeito.

Ao que parece, os *teddy boys* comparecem como a tribo original e os *bodgies* sua reprodução, contudo, associando essa questão à formação da identidade, não é só nas diferenças que os adolescentes se definem, se observar a dinâmica interna das tribos são entre os semelhantes que os jovens costumam se encontrar. Então esse ser “falso” estigmatizado pela sociedade terá sim grandes benefícios pela formação da tribo, o que constrói a identidade do sujeito é a atividade que ele executa (BOCK et al., 2008), o que não inclui, necessariamente, serem inéditas.

Frequentemente retratados nos meios de comunicação como desordeiros, os membros de ambos os gêneros construíram uma subcultura em torno de motos, *rock’n’roll* e Elvis Presley que chocavam os pais. Como toda tribo, esses jovens bus-

cavam a identidade grupal em marcadores imaginários: a roupa, o cabelo e os acessórios que compunham a estética do grupo (CASTRO, 1998 apud SANTOS, 2013). Os rapazes e moças tinham o cabelo alisado e seu o uniforme era calça jeans apertada e jaquetas de couro. Atualmente, os membros dessa tribo seriam considerados não muito rebeldes e ninguém tomaria qualquer aviso deles, mas nos anos cinquenta o seus comportamentos chocavam pela ruptura dos padrões do época.

6.4 **ROCKERS (MOTO CLUBES)**

O título *rockers* denomina uma subcultura juvenil amante das motocicletas, mais especificamente as da categoria *café racer*. Oriunda do Reino Unido, a tribo reunia jovens da classe operária que aparecia pelos bares, clubes, rodovias e eventos relacionados. Os *rockers* também eram conhecidos pela sua rivalidade com os *mods*, que os referia como *greasers* ou *graxa* como insulto, por esse motivo o uso dos termos *greasers* e *rockers* é bastante intercambiável no Reino Unido.

Os *rockers* compravam motocicletas de fábrica padronizadas, faziam ajustes e modificações para aparecerem como motos de corrida ao seu estilo. A sustentação destas identificações se refere à posse ou não de determinados objetos que se articulam na composição da imagem da tribo. A imagem de si é cultivada e cultuada tal como os artistas criam um objeto de arte, para uma apreciação estética (COUTINHO, 2001). Então, mais que diversão ou transporte, as motocicletas conferiam-lhes um efeito que intimidava os demais.

O visual de motociclista *rocker* foi influenciado pelos padrões dos ex-militares e pilotos estadunidenses que no pós-guerra teriam feito da moto o veículo para a busca de adrenalina, partindo disso adequaram ao seu estilo a praticidade que necessitavam nos trajes. As vestes se traduziam em jaquetas de couro muitas vezes adornadas com taxas de metal, remendos, emblemas e pinos, luvas, capacete, óculos de aviador, calças de couro ou jeans, camisetas, bonés de couro, botas de cano alto. Para as mulheres se incluíam saias godês, saias franzidas, plissadas ou pregueadas, cardigans, luvas brancas, lenços no pescoço, sapatilhas, botinhas, tênis baixo, camisetas e regatas. Influenciados pelos ídolos do rock mantinham seu penteado no lugar com creme num simples ou exagerado topete. A forma como os *rockers* apresentavam nas roupas, acessórios e no corpo comunicavam para a sociedade sua identidade e a pertença à tribo.

Originalmente, os *rockers* se mostravam contra o uso de drogas, para eles, todas as drogas eram algo para ser desprezado. Sua antipatia por qualquer pessoa conectada com as drogas era intensa, principalmente quando se referia aos *mods* que aceitavam o uso de anfetaminas e os provocavam nas brigas por chamá-los de maricas. Essa narrativa transparece a ideia de conservação da unidade interna do grupo, necessária à proteção de sua estrutura, depende do ataque ao outro, todo aquele que é representado como sendo “de fora” (CAMILO, et al., 2003).

No contexto geral dos estilos moto clubes, existiram grupos com tendências desagradáveis e muitos acontecimentos vieram a denegrir a imagem dos motociclistas, principalmente pela imprensa sensacionalista da época que acusava os motociclistas de arruaceiros e desordeiros.

Adicionando que algumas produções de Hollywood incentivavam verdadeiros predadores a criarem Moto Clubes e constituir gangues, o que fez da década de cinquenta uma página negra na história do motociclismo em alguns países. Para esse contexto, Fochi (2006) é pertinente ao dizer que quando a mídia utiliza o termo tribo em uma notícia negativa, referindo-se a uma determinada tribo que cometeu alguma infração ou ato de vandalismo, as pessoas prendem-se ao termo tribo e denota que toda ela age da mesma maneira, fazendo prática de atos condenáveis, ao invés de conotar que as atitudes podem ser específicas de indivíduos entre aquela tribo. Felizmente, mais tarde as motocicletas voltaram a ser tema de Hollywood com Elvis Presley iniciando a mudança da imagem do motociclista com o início da fase romântica do motociclismo, que seguiu até o final da década de 1970.

6.5 *BEATNIKS*

Na mesma década dos *greasers*, também nos Estados Unidos, surgiu outra subcultura com outros estilos e formato. Ao passo do romantismo os *beatniks* foram uma das primeiras culturas jovens a mostrar no seu vestuário o luto por um estado de guerra em que não viam sentido e do qual não queriam participar. Os *beatniks* hoje são vistos somente sob a estética de boemia intelectual, mas sua formação se deve a iniciativa de protestar o estilo de vida materialista em sequência à Segunda Guerra Mundial.

Como um movimento de contracultura, as principais características desse subgrupo era a valorização da natureza, luta pela paz, respeito a minorias raciais e culturais, liberdade nos relacionamentos sexuais e amorosos, o conceito “pé na estrada”, fazer sua própria revolução cultural por meio da literatura. Viajavam sem destino e com suas poesias, músicas, mudaram a vida de milhares de pessoas, fazendo com que eles vissem o mundo de outra maneira. A geração que surgia nesse meio entrava num movimento de busca por um estilo de vida que fugisse do padrão escola e família. Magnani (1992) reforça esse sentido da tribo designando que existe uma tendência oposta ao gigantismo das instituições e do Estado nas sociedades modernas, a tribo permitiria agrupar os iguais, possibilitando-lhes intensas vivências comuns, o estabelecimento de laços pessoais, a criação de códigos de comunicação e comportamento particulares. A tribo agrega algo pessoal, que conforta os cidadãos isolados na grande metrópole.

Cultos, os *beatniks* circulavam pelos cafés e porões onde escutavam jazz e outros ritmos considerados *cult*. O estilo adotado por eles poderia ser analisado por

“rituais de resistência”, violações simbólicas à ordem social dominante (PAIS, 2008). Os protestos traduziram na estética a marcação do luto pela sociedade e as guerras. Os *beatniks* (gastos, corroídos) adotaram em seu uniforme, peças com ar de despojamento, calça Levi's, camisetas, blusas de gola rolê ou largas, camisas para fora da calça, boinas, cabelos bagunçados, barba e bigode, sandálias e uma bolsa para carregar os livros dos jovens intelectuais.

6.6 SURFISTAS

De início, o surf se fundiu numa prática religiosa que servia para distinção social no Havaí e na Polinésia. No período pós-guerra o surf popularizando-se na costa oeste dos Estados Unidos virando uma moda entre os jovens, principalmente na Califórnia onde fizeram das praias seu lugar. Para Pitta (2005) a lógica dos jovens para organizarem seu espaço cotidiano é puramente afetiva, os grupos e tribos investem nos lugares da cidade e fica lá por causa de alguma razão emocional, um sentimento que não tem nenhuma explicação racional.

O Surf em si é como um esporte restrito, não impediu aos jovens que curtiam deslizar sobre as ondas propor uma subcultura particular e um *lifestyle* (estilo de vida) para os praticantes. Loiros (pela parafina e pelo sol) e bronzeados o ano inteiro, os surfistas eram reconhecidos por jovens com gosto pela natureza e pela vida saudável. O estereótipo do surfista geralmente se associava a alguém bonito que não possuía outras preocupações mais além das ondas e se relacionar com os pares e garotas ao som do *surf music*, ou seja, estar no mundo para compartilhar sentimentos, emoções e prazeres. Era comum que alguns jovens não praticantes de surf, partilhassem do espírito da tribo e a elas pertencerem – o que conta é o fato de estar junto que promove o sentir junto, cujo protótipo é a vibração de uma torcida pelo seu time (COUTINHO, 2001).

As roupas dos surfistas eram praianas em todo lugar que fossem para acentuar bem o seu estilo esportivo e despojado. Vestiam calças ou calções largos, t-shirts com padrão havaiano, óculos de sol e as roupas emborrachadas para o surf. Durante o verão utilizavam chinelos que eram substituídos por calçados desportivos no inverno. As garotas que se identificavam ao estilo, também, se apresentavam loiras e bronzeadas. Entre as mulheres não era comum a prática do surf, mas por terem namorado surfista as fez dominar toda a linguagem e código da tribo. Em seu vestuário incluíam saias curtas, calções ou calças com padrão havaiano, tops ou camisas justas e sandálias nos pés.

Em tempos de maré baixa para o surf, os jovens californianos passaram a improvisar tábuas sobre rodas para surfar no asfalto, isso pode apontar que a tribo dos skatistas de anos mais tarde teve sua fundação ligada aos surfistas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos estudos com referenciais teóricos sobre as tribos urbanas inseridas na formação da identidade dos jovens do período moderno, juntamente com a análise realizada sobre as tribos urbanas dos anos cinquenta, faz-se concluso que a participação em alguma tribo urbana promove benefícios aos jovens que buscam referenciais durante sua formação pessoal. O pertencimento às tribos aparece positivamente quando reforça nos adolescentes sentimentos de pertença, proteção, de partilha e de convívio. Mas infelizmente algumas tribos se conduzem em comportamentos drogativos e violentos associados aos adolescentes de baixa tolerância.

Apesar dos comportamentos de risco associados a algumas tribos a inserção do jovem numa dessas redes não precisa acarretar alarmismo. A demonstração de interesse em diálogos por parte dos pais com o adolescente permite conhecer as práticas do seu grupo permitindo avaliar a periculosidade dos comportamentos. É importante se atentar ao fato de que os jovens se apropriam da imagem estética, formas de lazer e do estilo musical das tribos como forma de se identificar no mundo e de se comunicar com ele. A tendência e estilo das primeiras tribos urbanas ainda influenciam nos padrões comportamentais dos jovens de hoje em dia, estes fazem atualizações ou sugerem novas modalidades, contudo, os aspectos básicos da adolescência se mostram os mesmos, independentemente do período.

A exposição dos padrões das tribos urbanas da década de 1950 proporcionou ao trabalho a efetivação do exposto teórico. Em análise aos materiais sobre tribos urbanas e incluindo as de períodos específicos percebeu-se que são poucos os estudos publicados acerca desse assunto, principalmente na área da psicologia que aborda as tribos como reflexas do processo de formação identitária dos indivíduos jovens. Ficou perceptível que a sociologia é a área que mais publica sobre a temática.

Cabe então à psicologia desmistificar, estudar e desenvolver mais pesquisas de campo sobre o fenômeno das tribos urbanas, que pode ser uma porta de entrada para o sucesso nos campos de atuação com adolescentes; uma boa comunicação e a não estigmatização do jovem concede a chave para uma relação profissional-adolescente otimizada. Sugerem-se, ainda, estudos associados à expansão da tecnologia que leva a criação de novas comunidades e muitas vezes terminam por substituir as tribos presenciais.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 14.ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

CAMILO, Adriana. A.; OLIVEIRA, Maria C.; ASSUNÇÃO, Cristina. **Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes**: relação com pares e negociação de diferenças - Temas em Psicologia da SBP, v.11, n.1, p.61-75, 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2003000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 4 nov. 2013.

CARDOZA, Isabela F. **A sociedade pós-moderna e o fenômeno das tribos urbanas** - Lato & Sensu, Belém, v.4, n.1, 2003. Disponível em: <http://minhateca.com.br/bruno_diu/Livros/A+Sociedade+P*c3*b3s-moderna+e+o+Fen*c3*b4meno+das+Tribos+Urbanas,66322669.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2013.

CIAMPA, Antonio C; LANE, Sílvia T. M., CODO, Wanderley. **Psicologia Social**: o homem em movimento. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

COUTINHO, Luciana G. **Da metáfora paterna à metonímia das tribos**: um estudo psicanalítico sobre as tribos urbanas e as novas configurações do individualismo - 2001. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/Artigos/tribus.htm>>. Acesso em: 4 nov. 2013.

FOCHI, Marcos A. **Cultura Hip Hop e marcas alternativas**: a presença da ideologia e das estratégias mercadológicas - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.casperlibero.edu.br/pesquisas/pesquisa/index.php/cultura-hip-hop-e-marcas-alternativas:-a-presenca-da-ideologia-e-das-estrategias-mercadologicas,47.html>>. Acesso em: 8 nov. 2013.

MAGNANI, José G. Tribos Urbanas: Metáfora ou Categoria? **Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia**. Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, n.2, 1992. Disponível em <<http://www.n-a-u.org/Magnani.html>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

MAIA, João. Michel Maffesoli e a cidade partilhada. **Revista FAMECOS**: mí-dia, cultura e tecnologia, v.1, n.26, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewArticle/422>>. Acesso em: 4 nov. 2013.

OLIVEIRA, Maria C. S. L; CAMILO, Adriana A.; ASSUNCAO, Cristina V. Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 1, jun. 2003. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2003000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 nov. 2013.

PAIS, José M.; BLASS, Leila M. Tribos urbanas: produção artística e identidades. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.21, n.60, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/107/10706012.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2013.

PAIS, José M. Máscaras, jovens e “escolas do diabo”. **Revista Brasileira de Educação**, v.13, n.37, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/02.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

PISANI, Elaine; PEREIRA, Siloé; RIZZON, Luiz. **Temas de psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PITTA, Tânia. Territórios, arquétipos e tribos. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n.26, abril 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/423/350>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

RANGEL, Ana Paula; TORMAN, Ronalisa; FOCESI, Luciane. Adolescência: Construindo uma identidade. **Revista Conhecimento Online**, ano 4, v.1, 2012. Disponível em: <<http://www.feevale.br/site/hotsite/default.asp?intIdHotSite=86&intIdSecao=5480&intIdConteudo=50284>>. Acesso em: 4 nov. 2013.

SALVARO, Janine. Tribo: qual é a sua? A pós-modernidade como palco para a formação de tribos. **Revista Científica Plural**, Unisul, 2008. Disponível em: <http://paginas.unisul.br/agcom/revistacientifica/artigos_2008b/janine_salvaro.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2011.

SANTOS, Maria Stella. **‘Pinta natalense’: identidade, conexões tribais e cultura do consumo** – Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Rio Grande do Norte, 2013. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-0327-1.pdf>>. Acesso em: 11 Novembro 2013.

SILVA, Silvio; PADILHA, Maria; SANTOS, Lucialba; ARAUJO, Jeferson. Representações sociais de adolescentes sobre o consumo de álcool: implicações do relacionamento familiar. **Psicologia e Saber Social**, 1(1):129-139, 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/3251>>. Acesso em: 8 nov. 2013.

SCHULTZ, Duane; SHULTZ, Sydney. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

TESSARI, Olga. **Jovens que buscam identidade**. Disponível em: <<http://www.olga-tessari.com/id227.html>>. Acesso em: 8 nov. 2013.

REFERÊNCIAS (NÃO-CIENTÍFICAS)

A década de 1950: cultura, arte, música, cinema, política, guerras, ciências, tecnologia, história. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/musicacultura/anos_50.htm>. Acesso em: 10 nov. 2013.

As tribos da década de cinquenta. Disponível em: <<http://crazymetalmind.com/2013/06/06/as-tribos-da-decada-de-50/>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

Beatniks. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gera%C3%A7%C3%A3o_Beat>. Acesso em: 10 nov. 2013.

Bodgies. Disponível em: <<http://andc.anu.edu.au/ozwords/Nov%202002/Bodgie.html>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

Bodgies e Widgies. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bodgies_e_Widgies>. Acesso em: 10 nov. 2013.

Década de 1950. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/D%C3%A9cada_de_1950>. Acesso em: 10 nov. 2013.

Especial moda almanaque: anos 50. Disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/anos50.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

Greasers. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Greasers>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

Motoclubes. Disponível em: <<http://www.motoclubecanoquente.com.br/novidades.php?p=ver&id=61-Historia-dos-Motoclubes->>. Acesso em: 10 nov. 2013.

Rockers. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rocker_%28subcultura%29>. Acesso em: 10 nov. 2013.

Surfistas. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Surfe>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

Surfistas. Disponível em: <<http://saber.sapo.cv/wiki/Surfista>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

Teddy Boys. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Teddy_Boy>. Acesso em: 10 nov. 2013.

Tribos Urbanas Americanas: Beatniks. Disponível em: <<http://queilaferraz.fashionbubbles.com/historia-da-moda/tribos-urbanas-americanas-beatniks-existencialistas-parte-2/>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

Data do recebimento: 10 de Março de 2014

Data da avaliação: 11 de Março de 2014

Data de aceite: 31 de Julho de 2014

1 Acadêmica do curso de Psicologia da Centro Universitário Tiradentes – Unit.

E-mail: alessandra16_23@hotmail.com

2 Acadêmica do curso de Psicologia da Centro Universitário Tiradentes – Unit.

E-mail: carolferreir@hotmail.com

3 Acadêmica do curso de Psicologia da Centro Universitário Tiradentes – Unit.

E-mail: evellyn.psi@hotmail.com

4 Acadêmica do curso de Psicologia da Centro Universitário Tiradentes – Unit.

E-mail: samarafeitos@hotmail.com

5 Acadêmica do curso de Psicologia da Centro Universitário Tiradentes – Unit.

E-mail: stephanie.om@hotmail.com

6 Docente do curso de Psicologia da Centro Universitário Tiradentes – Unit.

E-mail: silvialtima@hotmail.com

7 Docente do curso de Psicologia da Centro Universitário Tiradentes – Unit.

E-mail: adrianaalvesmarinho@hotmail.com